

Sábado, 25 de Setembro de 2004

Introdução

O CAAL vai voltar à região Oeste e, desta vez, vamos ligar as Caldas da Rainha à Lagoa de Óbidos e explorar a sua margem sul, a menos conhecida.

A actividade terá início no largo fronteiro ao Hospital Termal, que poderemos visitar, seguindo-se a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e o Museu das Termas, instalado no antigo Paço Real. A visita urbana continuará pelo Parque, um dos “ex-libris” desta cidade, que poderemos visitar e aí comer a nossa merenda, desfrutando a beleza do local.

Após o almoço vamos iniciar o percurso pedestre, nas Águas Santas, antigas termas, à saída das Caldas, junto à estrada para a Foz.

Vamos seguir pelo vale do Rio da Cal, com os seus campos de cultivo e terminamos a primeira fase do percurso na Barrosa, um dos braços interiores da lagoa, bastante açoreado.

Na Barrosa atravessamos para a margem Sul, subimos ao moinho do Casal da Galiota, com os seus imponentes 24 m, e continuamos circundando a lagoa ao encontro de um percurso ambiental sinalizado para observação de aves e das actividades de pesca artesanal que ainda se realizam hoje em dia.

Um pouco mais tarde, tendo passado o rio Arnóia, vamos continuar por um inóspito eucaliptal até ao Bom Sucesso, escapando assim ao trânsito de uma poeirenta estrada, a única forma deixada para circundar tão bela lagoa!

Já no Bom Sucesso, terminamos a caminhada no Covão dos Musaranhos, uma aprazível esplanada junto a um calmo braço da lagoa, onde, até há bem pouco tempo, se encontrava instalada uma pista de remo, com direito a transmissão televisiva, com alguma frequência.

Nas Caldas da Rainha, na primeira parte da actividade, o grupo será recebido por técnicos do Hospital Termal, que não deixarão certamente de nos acompanhar na visita.

Na segunda parte, somos acompanhados pelo presidente da associação PATO, Associação de Defesa do Paúl de Tornada, que nos irá explicar a importância destas zonas húmidas de que a região é tão rica, designadamente a Lagoa de Óbidos, que hoje visitamos.

O percurso pedestre não apresenta dificuldades nem desníveis acentuados, decorrendo por trilhos ou caminhos rurais. É essencialmente um percurso de observação da Natureza que, junto da Lagoa, recomenda que se evitem os ruídos desnecessários, por forma a não perturbar as aves que aí habitam, podendo assim virem a ser observadas por todos.

Hospital Termal Rainha D. Leonor

Fundado em 1485, pela Rainha D. Leonor, o Hospital Termal das Caldas da Rainha é **o mais antigo do Mundo**, contando já com 5 séculos de existência.

As águas sulfurosas das Caldas atraem anualmente centenas de turistas à cidade. Estão particularmente indicadas para o tratamento das doenças reumáticas e músculo-esqueléticas e de doenças das vias respiratórias.

Um pouco de história:

“As nascentes onde foi erguido o Hospital Termal das Caldas da Rainha eram conhecidas desde o século XIII, pelo menos. Tinham a designação de *caldas de Óbidos*. Frequentavam--nas leprosos e doentes de “frialdades” (reumatismo). Bem perto,

nas Gaeiras, águas do mesmo tipo tinham tido aproveitamento na época romana². Na Idade Média, balneário e alguns serviços de apoio — albergaria, ermidas — estavam sob administração da ordem beneditina de Santa Maria de Rocamadour. No século XV, porém, estes equipamentos encontravam-se muitos degradados, após a retirada dos frades.



Aspecto actual da fachada principal do Hospital Termal, Casa da Convalescência e espaços envolventes, resultantes da intervenção arquitectónica e urbanística levada a efeito nos finais do século XIX por Rodrigo Berquó, arquitecto e urbanista, director do Hospital Termal e Presidente da Câmara, dinamizador de reformas estruturais na vila das Caldas da Rainha. De destacar a adição de mais um piso à estrutura do edifício, relativamente ao projecto joanino.³

A situação da assistência mereceu de D. João II particular atenção. A reforma que iniciou orientava-se para a fundação de grandes hospitais, inspirados pelos modelos renascentistas francês e italiano, e o Hospital de Todos-os-Santos, em Lisboa, foi a sua principal criação.

A vila de Óbidos, com o seu vasto termo, foi, durante a 1ª Dinastia incluída no senhorio das Rainhas de Portugal.

Assim sucedeu também com D. Leonor, mulher de D. João II, a quem esses direitos foram reconhecidos no contrato de casamento. As *caldas de Óbidos* localizavam-se exactamente na fronteira entre as terras de Óbidos e as terras do couto dos monges cistercienses de Alcobça.

Ao longo do século XVI, o Hospital de Nossa Senhora do Pópulo consolidou-se como grande instituição de saúde e assistência de âmbito nacional. Em 1532, a coroa entrega a administração dos principais hospitais do reino à Congregação de S. João Evangelista (vulgo Lóios, ou Padres Azuis), sob fiscalização da Mesa de Consciência e Ordens.

Além do balneário propriamente dito, formado por três piscinas, o edifício integrava diversas enfermarias, duas das quais destinadas a entrevados, uma a convalescentes e outra a peregrinos, e diversas salas de apoio, incluindo uma botica. Aos doentes pobres de todo o País era garantida assistência gratuita.

(...) Em meados do século XVI o Hospital começa a receber também doentes que pagam o seu internamento. Os enfermos eram previamente examinados por um médico, a fim de excluir os considerados incuráveis. O período de internato durava cerca de 4 semanas, no decorrer das quais o tratamento dos pacientes incluía não apenas os banhos, mas também dieta rigorosa, além da aplicação de meios medicamentosos complementares.

² Em 27 de Outubro o CAAL vai visitar Óbidos e as ruínas da cidade romana de Eburobrittium, onde se situavam as citadas águas termais.

³ Fotografia e legenda retirada do site da Associação Património Histórico (www.aphcaldas.org)

¹ Textos coligidos de uma publicação do Museu do Hospital e das Caldas

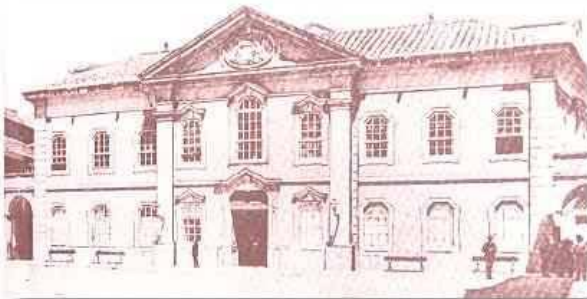


O Hospital Termal e sua envolvente arquitectónica tal como era antes da intervenção joanina. Esta gravura data de 1747 e deverá ter sido executada por João Pedro Ludovice, artista de quem se sabe ter pertencido ao círculo pessoal de D. João V e que o acompanhou numa das suas estadias nas Caldas.³

O serviço clínico era assegurado por um físico-cirurgião, auxiliado por um boticário, 3 enfermeiros e um barbeiro-sangrador. A experiência foi definindo o elenco das patologias tratadas no balneário caldense. O principal grupo de diagnóstico foi, desde sempre, o das «frialdades», (doenças reumáticas e musculoesqueléticas). Mas a reputação adquirida pelas termas caldenses trouxe até às Caldas pessoas com doenças do aparelho digestivo, ginecológicas e de pele.

O interesse directo da coroa pelas Caldas foi reatado no século XVIII. D. João V realizava tratamentos termais com frequência, e os seus sucessores mantiveram a prática. Com a família real, deslocava-se um numeroso séquito que se distribuía pelas casas nobres da vila. A aristocracia adoptou igualmente esse hábito.

A coroa decidiu realizar obras profundas no Balneário e modernizar a vila. D. João V iniciou esse movimento de reforma, encarregando o Engenheiro-Mor do Reino, Manuel da Maia, de planear novas instalações para o Hospital e para o Município, e uma rede de abastecimento de água à vila.



Reprodução de um bilhete postal do século XIX, representando a fachada principal do Hospital Termal, tal como ficou após a intervenção mecenática do Rei D. João V. A responsabilidade das obras coube a Manuel da Maia, militar arquitecto responsável pelo aqueduto das Águas Livres, sendo o desenho da autoria de Eugénio dos Santos.³

O seu filho, D. José, outorgou em 1755 um novo regime de funcionamento ao Hospital que passou a denominar-se Hospital D. Leonor e a ter direcção designada pelo Governo.

A função termal do estabelecimento é reforçada e o lugar do seu corpo clínico reorganizado.

A povoação cresceu regularmente ao longo do século. Tinha 230 fogos em 1712 e 424 em 1798. A estrutura urbana desenvolveu-se e modernizou-se com os novos edifícios e equipamentos: o Hospital, o Passeio da Copa, complemento do balneário e enfermarias, os Paços do Concelho, 3 chafarizes, um dos quais monumental.²

Como curiosidade apresenta-se uma interessante descrição da primeira deslocação de D. João V às Caldas:

“1742. «Partiu EI-Rei a 9 de Julho para as Caldas, indo por mar até Vila Nova, e daí em um coche, onde chegou no dia seguinte à

noite» [...] Apeou-se no Senhor da Pedra, e mandou sair a gente para fora da igreja, e aí fez oração dilatada e também a fez a Nossa Senhora do Pópulo na porta do Hospital das Caldas antes de entrar para as casas da sua acomodação, que foram as de António Lima.

A Rainha, que partiu de Lisboa a 11 pelo mesmo caminho se acomodou em outras casas vizinhas do Desembargador João de Proença, fazendo-se passadiço de umas para outras casas. O Senhor Infante D. Francisco, que também partiu no mesmo dia 11 por terra, se acomodou na Quinta de Bernardo Freire junto do Convento dos Padres Arrabidos chamado das Gaeiras, onde dentro de dez dias acabou a vida [...] Fazendo-se no dia 15 de Agosto a festa de Nossa Senhora por ordem de El-Rei, a que ele mesmo assistiu [...] No dia seguinte, 16, partiu para Lisboa pelas quatro horas da manhã, embarcou em Vila Nova, e pelas seis horas da tarde do mesmo dia chegou a Lisboa com algumas melhoras.⁴”

(...) “D. João V deslocou-se às Caldas, para tratamento, treze vezes, entre 1742 e 1748. Mas a sua presença prolongou-se muito para além desse curto espaço de tempo. As obras aí estão, a testemunhar a sua presença e o seu interesse pela valorização das Caldas: Igrejas reformadas, chafarizes para abastecimento de água, a Casa da Câmara, o projecto da Casa da Convalescença, e, principalmente, o novo Hospital construído de raiz.

Obra da responsabilidade de Manuel da Maia, o novo edifício do Hospital caracterizou-se pela sobriedade e pela elegância próprias das construções setecentistas e pela maior funcionalidade das instalações e equipamentos de que passou a dispor. Disso mesmo se pode ajuizar pelo actual edifício, cuja fachada mantém a traça joanina, apesar de lhe ter sido acrescentado o terceiro piso nos finais do séc. XIX.”

Igreja de Nossa Senhora do Pópulo

“A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo é um exemplar de referência da arquitectura religiosa nacional, característica do período pré-manuelino. Dotada de uma torre sineira de cúpula octogonal com quatro mostradores de relógio, é na sua fachada que podemos encontrar um baixo relevo de Nossa Senhora do Pópulo.



Aspecto geral da torre da Igreja, e sua envolvente. De salientar o desnível acentuado da torre, decorrente das vicissitudes dos afloramentos termais.³

Fundada pela Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, esta Igreja funcionava como capela do Hospital Termal. O seu interior estava ligado à enfermaria do hospital, através de duas janelas, que permitiam o acesso dos doentes ao culto. Mais tarde foi convertida em Igreja Matriz de Caldas da Rainha, função que deixou de desempenhar em 1950 com a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.⁵

⁴ [Frei Cláudio da Conceição, *Gabinete Histórico*, vols. 9 e 10, tomo IX. Desde 1730 até 1745, Lisboa, 1 823, reproduzido de Fernando da Silva Correia, *Pergaminhos das Caldas*, Caldas da Rainha, Património Histórico, 1995]

⁵ Retirado de “www.Orelhas.pt:Monumentos das Caldas”

Edifício dos Paços do Concelho das Caldas da Rainha

“Exemplar da arquitectura joanina, o antigo Edifício dos Paços do Concelho, foi construído em 1749 a mando da rainha D. Maria Ana de Áustria, mulher de D. João V. Posteriormente, em 1841, recebeu o relógio e a Torre Sineira. A sua finalidade era servir de instalações para a Câmara e para a cadeia mas veio a substituir os antigos paços municipais, destruídos com a remodelação do Hospital Termal. Mais tarde veio a servir de instalações à Câmara Municipal. Actualmente, serve de instalações à PSP.”⁵

Ermida de São Sebastião

“Construída durante os primeiros anos de formação da vila, a Capela de São Sebastião, situada junto à Praça da Fruta, é hoje a sede da Associação do Património Histórico.

Após a profunda remodelação que recebeu no século XVIII, esta capela passou a ser revestida de azulejos com a representação de episódios da vida do seu patrono, S. Sebastião e, já no final deste século, foi construído um coro-alto.

Esta construção estabelecia a comunicação com o Palácio da Rainha, então existente do outro lado da rua.”⁵

Ermida do Espírito Santo

“Localizada na área da antiga Confraria do Espírito Santo, perto da Igreja de Nossa Senhora do Póculo, esta Ermida é um templo quinhentista brasonado pela Ordem Terceira de São Francisco. É um edifício, datado do século XVI.”⁶⁵

Chafariz das Cinco Bicas

“O Chafariz das Cinco Bicas é um dos três chafarizes que D. João V mandou construir, nas Caldas da Rainha, com vista ao fornecimento de água à população. Assinalava o local onde D. Leonor vira os pobres a banhar-se mas, mais tarde foi transferido para o lugar onde se encontra actualmente. As cinco estrelas cravadas nas bicas por onde escorre a água, representam cinco das sete pléiades (filhas de Apolo). As outras duas pléiades, estão representadas no Chafariz da rua Nova e no Chafariz da estrada da Foz. De estilo barroco, sua construção levou 3 anos, tendo sido começada em 1748.”⁶⁵

Praça da República (Praça da Fruta)

“Desde 1883 que os pregões das vendedoras de frutas e legumes ecoam pela Praça da República, em Caldas da Rainha. A calçada portuguesa de basalto negro sobre fundo branco é diariamente coberta pelos mais variados produtos frescos, como frutas, legumes, queijos, doces e flores e constitui pólo de atracção do turismo caldense.”⁶⁵



Aspecto actual da Praça da República, com o seu mercado diário¹

Parque D. Carlos I

“Projectado em 1889 pelo arquitecto Rodrigo Berquó, o Parque D. Carlos I é o espaço verde por excelência da cidade das Caldas. A sua existência remonta aos primórdios do Hospital Termal quando servia como local de passeio dos doentes. Coberto de plátanos, o parque possui, actualmente, várias zonas de lazer com equipamento recreativo. O coreto, campos de ténis, parque infantil, bar com esplanada e o lago onde os peixes e os cisnes acompanham os barcos a remos, são disso exemplo. A nível cultural, o Parque D. Carlos I apresenta o Museu José Malhoa e exhibe várias esculturas distribuídas ao longo dos jardins.

Os Pavilhões do Parque, actualmente ocupados com algumas instituições, foram construídos a mando de Rodrigo Berquó com o intuito de servir um novo edifício hospitalar. A morte de Berquó e o fim da monarquia não permitiram a conclusão deste projecto mas ainda hoje constituem parte importante do Parque D. Carlos I.”⁶⁵



Enquadramento arquitectónico dos pavilhões edificados nos finais do século XIX por Rodrigo Berquó.¹

Museus

“As Caldas da Rainha é uma cidade privilegiada contando com um dos maiores conjuntos de museus do nosso País:

- **Museu de José Malhoa** - Está instalado em edifício construído em 1940, *tratando-se do primeiro museu construído de raiz em Portugal*, projectado pelos arquitectos Paulino Montês (1897-1962) e Eugénio Correia (1897-1985). O museu reúne colecções de pintura, escultura, medalhística, desenho e cerâmica dos sécs. XIX e XX, centradas no Naturalismo, Academismo e Tardo-Naturalismo. Destacam-se os núcleos de pintura de José Malhoa, de cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro e de estatuária de Francisco Franco e Leopoldo de Almeida.

Parque D. Carlos I, tel: 262-831984

- **Museu da Cerâmica**

O edifício do Museu é um palácio do período Romântico, cuja fachada é decorada com azulejaria de inspiração islâmica e portuguesa dos séculos XVIII e XIX. As colecções do Museu de Cerâmica cobrem uma vasta representação de centros de produção, autores e tipologias de faiança artística e utilitária, essencialmente dos secs XIX e XX, com especial incidência nas produções caldenses. Integram o acervo do museu núcleos de faianças da Fábrica do Rato e dos principais centros cerâmicos portugueses, cerâmica contemporânea e de alguns centros produtores estrangeiros da Europa e da China.

Palacete Visconde de Sacavém, Rua Ilídio Amado, tel: 262-840280

- **Centro de Artes das Caldas da Rainha**

Espaço dedicado à escultura portuguesa do século XX, procurando aliar à componente museológica o apoio à produção artística e à formação. Este Centro de Artes compreende os ateliês-museu de dois distintos escultores locais António Duarte (1912-1997) e João Fragoso (1913-2000), o Museu Barata Foyo e ainda uma residência de artistas e um edifício de ateliês:

- O acervo do Ateliê-Museu Municipal António Duarte é composto por escultura do próprio (trabalhos dos anos 30 até aos anos 90 em pedra, bronze, madeira, barro ou gesso); estatuária, retrato, obra livre; colecções de medalhística e desenhos e um núcleo de pintura da autoria do mestre-escultor;
- O acervo do Ateliê-Museu Municipal João Fragoso é composto por escultura do próprio (trabalhos dos anos 50 a 90 em pedra, bronze e gesso); pintura e desenho (obras a aguarela, acrílico, carvão); medalhística e cerâmica.
- O Museu Barata Feyo encerra o espólio deste relevante escultor.

R. Dr. Ilídio Amado, tel: 262840540

- Museu do Hospital e das Caldas da Rainha



Imóvel construído, provavelmente, em finais do século XVIII para servir de acolhimento à família real, durante a sua deslocação a estas termas, substituindo o antigo Paço Real do tempo da Rainha D. Leonor. No século XIX, foi apropriado para residência dos Administradores do Hospital, função que deixaria de ter no final do século, quando se procedeu à edificação de uma nova casa destinada à Administração, devolvendo-se-lhe a sua função original, mantida até ao fim da Monarquia. Depois de receber várias funções, como o Tribunal da Comarca e o Registo Civil, um estabelecimento de ensino e sede de colectividades, foi devolvido ao Centro Hospitalar que o recuperou para a constituição do Museu do Hospital e das Caldas. O Museu revela as memórias da Instituição e do espaço urbano que em seu torno se desenvolveu. O seu espólio é constituído por pintura, escultura, talha, ourivesaria, paramentaria, mobiliário, cerâmica, documentos e instrumentos médicos e científicos, do século XVI ao século XX.

Rua Rodrigo Berquó e Largo Conselheiro José Filipe, 2500 Caldas da Rainha, tel: 262830300. ⁶⁵

As Caldas possui ainda um Museu do Ciclismo e a Casa-Museu San Rafael, da Fábrica Bordalo Pinheiro, criada no séc.XIX por este distinto artista e que contém exemplares significativos da sua obra.

As Caldas oferecem também diversas oportunidades ao nível dos Ensinos Politécnico e Universitário, que alteraram significativamente a composição da sua população: a Escola Superior de Educação, a Escola Superior de Tecnologia, Gestão, Arte e Design e pólos da Universidade Católica e da UAL, e que fazem hoje das Caldas da Rainha uma moderna e competitiva cidade.

Lagoa de Óbidos



A Lagoa de Óbidos é um local de grande interesse ambiental sendo considerado o maior e mais importante sistema lagunar do País. Em tempos ainda recentes, toda a região que vai até à Nazaré e Alcobaça esteve coberta por um mar interior. Existem mesmo gravuras medievais mostrando navios ancorados em Óbidos.

“Até ao século XVI havia uma vasta lagoa abaixo das muralhas de Óbidos e comunicando com o mar. Até à Idade Média, aqui terá existido um vasto golfo e no local que hoje é Peniche existiria uma ilha. O grande porto da região era Atouguia da Baleia. Os frades do convento cisterciense de Alcobaça exportavam os produtos das suas explorações agrícolas através dos portos da Pederneira e de Alfeizerão.”⁶

Em memória desses tempos restam hoje a Lagoa de Óbidos, com a sua estreita ligação ao mar, a Baía de S. Martinho do Porto e o Paúl de Tornada.

A Lagoa de Óbidos estende-se por 6 km de comprimento e é constituída por um dédalo de braços, com pântanos e canais e a sua vegetação característica, onde as aves selvagens e as migratórias ainda encontram boas condições, apresenta excelentes condições para desova e viveiro de peixes, que poderemos observar em grandes cardumes ao longo do nosso percurso, junto do rio Arnóia.

As espécies piscícolas como o robalo, enguia, linguado e tainha, e os moluscos bivalves como a amêijoia, berbigão e mexilhão, constituem a fauna mais relevante nesta zona.

A orla sul da lagoa, menos conhecida, e ainda não há muitos anos quase deserta, apresenta hoje, aqui como em todo o litoral português, um desenvolvimento frenético de construções de veraneio, com urbanizações, vivendas e prédios, por todo o lado. É este o panorama que vamos apreciar quando olharmos para Oeste na direcção do mar.

A Lagoa resente-se de toda esta humanização forçada. Pela falta de um curso de caudal importante, não há renovação significativa das águas. Os pequenos rios que a alimentam transportam cargas poluentes exageradas para a capacidade de regeneração da Lagoa.

O vai e vem da entrada de água do mar pela “aberta”, ao sabor das marés, sendo significativa, não é contudo suficiente para uma completa regeneração da água. As areias, provenientes dos rios e do mar, vão assoreando a lagoa de forma inexorável.

Este fenómeno é bem visível da Rocha do Gronho, ponto elevado de observação sobranceiro ao mar e que deu o nome a uma antiga aldeia piscatória, hoje transformada em pólo turístico, ombreado já com a Foz do Arelho, praia centenária situada mesmo em frente, do outro lado da lagoa. Da Rocha do Gronho tem-se uma panorâmica sobre as línguas de areia, os braços de água, a Foz do Arelho na outra margem e o mar violento que enche a lagoa por um estreito canal.⁷ É um ponto privilegiado para observar a costa, desde a Nazaré ao Baleal e Peniche, com as Berlengas no horizonte.

A Lagoa de Óbidos acolhe espécies protegidas por convenções internacionais, como é o caso do flamingo, da garça-real, do corvo-marinho-de-faces-brancas, da águia-de-asa-redonda, entre outras.

Em conclusão, a Lagoa de Óbidos “é uma área de grande interesse ecológico, nomeadamente da avifauna migratória, com especial destaque para a invernante”. A criação de uma área de refúgio “corresponde aos compromissos de convenções comunitárias assumidas por Portugal, com particulares responsabilidades no que se refere à protecção de certas áreas afectas aos eixos migratórios da avifauna”.⁸

Agradece-se à Administração do Centro Hospitalar as facilidades que colocaram à disposição do CAAL nesta visita às Caldas da Rainha e à Associação PATO, do Paúl de Tornada, na pessoa do seu Presidente José Ribeiro, que nos acompanhará e fará o enquadramento ambiental da actividade, no passeio à Lagoa de Óbidos.

CAAL - CLUBE DE ACTIVIDADES DE AR LIVRE
Organização Não Governamental de Ambiente

Centro Associativo do Calhau
Parque Florestal de Monsanto, 1500-045 LISBOA
21 778 83 72, 96 62952 60

caal@mail.telepac.pt, www.clubeartlivre.org



Organizadores – José Manuel e Maria Dulce Duarte e Mário Prista

⁶ “A Bacia Hidrográfica da Lagoa de Óbidos”, Maria de Jesus Fernandes – Associação PATO

⁷ Onde, outrora, os pescadores diziam aparecer “musaranhos” ou homens-marinhos.

⁸ Segundo Portaria n.º 1234/2002, de 4 de Setembro